



GEOGRAFIA TIKTOKER: USO DE VÍDEO DE 60 SEGUNDOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Fernanda Santana Ribeiro

fernanda.ribeiro@yahoo.com.br¹

Resumo

Este artigo disserta sobre o uso do aplicativo Tiktok no ensino de geografia no ambiente remoto. O objetivo é investigar as potencialidades do uso dos vídeos de 60 segundos para introdução ou para lecionar conceitos geográficos. Para investigarmos sobre o assunto realizamos uma pesquisa com os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal José Eulálio de Andrade, na cidade de Paty do Alferes-RJ. Analisamos resultados objetivos (análise das apostilas físicas) e subjetivos (engajamento da turma) e questionários fechados aplicado aos alunos. Constatou-se que o uso dessa ferramenta promove um grande engajamento entre os alunos e que é possível ser usada para ensinar/aprender geografia de uma forma dinâmica, criativa e divertida.

Palavras-chave: Ensino de geografia, linguagem digital e Tiktok.

Introdução - Os 15 dias que se tornaram 502 dias

O ano de 2020 ficou marcado por significativas mudanças causadas pela pandemia da covid-19. Essas mudanças aconteceram em vários setores da economia, com a inclusão do trabalho *home office* e, na educação, com a entrada do ensino não presencial, conhecido também com ensino remoto. Esse processo na educação ocorreu de forma muito rápida, sem o devido tempo de treinamento e adaptação necessários ao desenvolvimento de um trabalho eficiente. Assim, os professores precisaram adaptar-se à nova realidade abruptamente: paramos em uma sexta-feira e na segunda estamos presentes no sistema online, aprendendo a trabalhar com ferramentas que não são usadas normalmente, novos horários de trabalho e o pensamento de como alcançar o aluno que tem limitações de acesso e está distante fisicamente.

Não se pode esquecer, também, que trabalhamos com uma geração que tem acesso às ferramentas tecnológicas digitais desde muito cedo e tem facilidade para aprendizagem. Porém, estes dominam apenas as ferramentas mais populares: rede sociais, jogos e Youtube. Além disso, concordamos com Schuck *et al.* (2020), quando lembra que “É pertinente salientar que os avanços tecnológicos não se limitam somente aos novos usos de aparelhos, produtos e equipamentos, mas a novas formas de comportamento de indivíduos e grupos”

¹Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (UFRRJ)



Essa situação se reflete na escola, que não está isenta dessas mudanças, por pertencer ao mesmo espaço/tempo.

A pandemia não evidenciou apenas nossos problemas com a saúde pública, mas nossa falta de habilidade com ferramentas das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC'S) e as dificuldades de acesso à internet e aos *smartphones*. Os alunos, principalmente das escolas públicas, possuem um celular simples e com o acesso limitado a internet – quando o têm. Sabemos também: esse aluno teve a sua rotina modificada com atribuições de responsabilidades que antes não tinham, como por exemplo cuidar da casa ou dos seus irmãos enquanto os pais estão no trabalho. Quando falamos do acesso à internet, percebemos que o problema não é apenas nas cidades do interior, pois atinge também as periferias das grandes cidades, seja com a falta de sinal ou falta de recurso financeiros manter o pacote de internet. A falta de uma política pública efetiva de democratização ao acesso de internet, com qualidade e a baixo custo, refletiu na exclusão dos alunos, principalmente os de baixa renda, a acesso ao ensino remoto. Isso agravou ainda mais a desigualdade de acesso.

Na implementação do ensino não presencial pelas secretarias de educação, não houve uma padronização nacional. Pensando em atingir uma maior quantidade de alunos, foram selecionadas ferramentas como os aplicativos de mensagens, plataformas educacionais e aplicativos de videoconferência. No início, a frequência dos alunos era significativa, mas com o tempo, a participação dos alunos foi diminuindo até tornar-se quase nula.

Todo esse contexto gera algumas indagações: (1) Como podemos alcançar esse aluno que tem um pacote limitado de internet, mas, com algumas redes sociais ilimitadas? (2) Quais são as redes sociais com um maior engajamento entre eles? (3) Por que aquele aluno que tem o acesso à internet e está interagindo com as postagens nas redes de sociais com frequência não está participando das aulas?

“A tal salvação da educação” as tecnologias digitais

Apesar da grande euforia pelo uso das tecnologias, o seu uso sem planejamento pode gerar um resultado negativo. Essa inovação deve estar ajustada ao contexto e à intenção pois se ela apenas replicar o modelo tradicional não se configurará como estratégia eficaz. Caso se mantenha, por exemplo, a linguagem tradicional, a tecnologia acaba se tornando uma extensão da aula presencial no ambiente remoto. Os adultos, certos das suas responsabilidades, têm



dificuldades de concentração em uma aula online expositiva e sem integração; não haverá um cenário mais produtivo se forem crianças e adolescentes em 50 minutos parados olhando para um computador. Em muitas situações, permanecem com as câmeras fechadas e pouquíssima interação. Nesse contexto, além de gerar frustração, torna-se um desafio desenvolver estratégias e metodologias para alcançar esse sujeito e contribuir para a sua aprendizagem. Com a distância física e sem contato online, acabamos sem saber quais são as dificuldades dos nossos alunos e se a confecção dos materiais físicos está adequada para cada turma. Concordamos com Freire (2019) quando este afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção (p. 47). Por isso, o ensino não presencial não pode se dar sem o devido planejamento, pois assim correria o risco de ser ineficaz – fato perceptível neste momento.

A educação geográfica nos possibilita trabalhar como múltiplas linguagens e ferramentas, Castellar e Velhena (2010) reforçam a importância do uso de outras linguagens no ensino de geografia, além da linguagem cartográfica, visando contribuir para a formação da capacidade crítica do aluno. Para isso é preciso colocá-lo em situações nas quais ele possa confrontar ideias e questionar fatos com argumentação (p. 65). As tecnologias digitais são a linguagem mais próxima dos adolescentes, devido ao constante contato com *tablets* e *smartphones*. Isso nos instiga a pesquisar como usar essas ferramentas tecnológicas, estabelecendo um processo de ensino aprendizagem que alcance a linguagem e a vivência do aluno, conforme enumera Schuck *et al.*:

A inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no ensino de Geografia permite o acesso de uma maior quantidade de registro de informações geográficas em forma digital, possibilitando o estudo dos conceitos e das categorias da Geografia através de fotografias aéreas, imagens de satélite, cartas geográficas, mapas, entre outros recursos. O cinema, os filmes e as músicas também contribuem como recursos tecnológicos para o estudo da Geografia. Hoje, com a convergência das tecnologias, tudo isso pode ser encontrado no computador ou smartphones com acesso à internet, por exemplo. Antes, todos esses recursos estavam separados. (SCHUCK *et al.*, 2020 p. 1143)

Com o avanço das tecnologias digitais, a oferta de ferramentas para uso no ensino só aumentou ao longo dos anos, possibilitando trabalhar o ensino de geografia de forma integrada e não meramente ilustrativa. Trabalhar a alfabetização cartográfica usando como ferramentas o *Google Earth* e o *Google Maps* possibilitam o aluno participar ativamente da construção de mapa com os pontos que considera relevantes dentro do lugar de vivência. É possível observar os



fenômenos climáticos, as constelações e a paisagem geográfica por intermédio de plataformas acessíveis e de fácil manuseio. Para ensinar e aprender geografia sabemos que a visualização e a compreensão de um conceito ou fenômeno é fundamental para aprendizagem do aluno, principalmente do ensino fundamental.

Temos consciência de que as tecnologias digitais não são a salvação do processo de ensino-aprendizagem e que tampouco substituem o professor dentro de uma sala de aula. São ferramentas que enriquecem o ensino de geografia, facilitam a nossa pesquisa e dialogam diretamente com os principais sujeitos desse processo: os alunos.

Aula Tiktokker na terra do Osório Duque Estrada

Esta investigação está em andamento e o objeto de estudo é a Escola Municipal José Eulálio de Andrade, localizada no bairro de Avelar (2º distrito), cidade de Paty de Alferes -RJ no Centro-Sul fluminense. A cidade é conhecida por ser a cidade natal do autor do Hino Nacional, Joaquim Osório Duque Estrada e possui a 3º maior produção de tomate no Brasil.

Motivados por uma reunião em que responsáveis e alunos expressaram descontentamento com as apostilas distribuídas pela Secretaria de Educação – as quais não permitem edição –, a equipe buscou novas formas de alcançar tais estudantes. Para compreender e analisar as demandas dos alunos, foi realizada pesquisa em agosto de 2020² sobre o atendimento remoto. Destacamos alguns resultados a seguir.

Gráfico 1 – Atendimento Remoto (fonte: a autora, 2020)
Sobre o Atendimento Remoto, responda:



Fonte: Autora(2020)

O gráfico 1 revelou dois pontos importantes: (1) a necessidade que esse aluno tem de

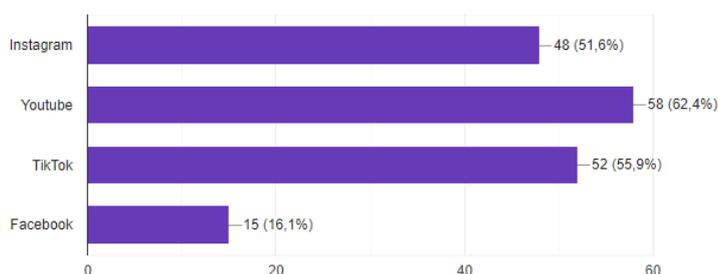
²Questionários de pesquisa desenvolvidos e aplicados pela autora deste texto, visando compreender o cenário atual de ensino não presencial e construir referencial para trabalhos posteriores.



linguagem dialogada para compreensão do conteúdo; (2) a preferência por vídeos curtos, de fácil assimilação e com baixo consumo de dados. Usando esses dados como ponto de partida, durante o ano de 2020 foram realizadas algumas experiências, com plataformas variadas, mas o resultado não foi satisfatório. Por consequência, resolvemos realizar uma nova pesquisa no início do ano de 2021, para entender quais eram as plataformas mais usadas entre os alunos.

Gráfico 2 – Aplicativos usados com frequência

Quais são os aplicativos que você acessa com frequência? Pode marcar mais de uma opção.



Fonte: a autora (2021)

Analisando o resultado do gráfico 2, foi possível reconhecer as plataformas mais populares entre os alunos, confirmando a necessidade da linguagem dialogada e com imagens para a explicação do conteúdo das apostilas físicas. Adotamos as duas plataformas que ficaram em primeiro lugar na pesquisa, com temática voltada para o ensino de geografia. Conforme a investigação foi avançando, percebemos que o Tiktok tem um engajamento maior, devido aos comentários dos alunos durante o atendimento sobre os vídeos. Isso nos conduz para um novo foco de investigação: Quais são as potencialidades do uso dos vídeos de 60 minutos produzido no Tiktok para o ensino de geografia. Para desenvolver esta pesquisa, trabalha-se sobre o usuário @ferribeiro, com acesso direto neste link: vm.tiktok.com/ZMeUoKyKx.

Os objetivos específicos: (1) Analisar a influência da linguagem digital no ensino de Geografia; (2) Compreender as potencialidades e a operacionalidade do uso dos recursos do Tiktok para aprender e ensinar geografia.

Para alcançar tais objetivos, esta investigação seguiu alguns passos. Inicialmente, aplicamos um questionário de entrada, com perguntas fechadas para entender as necessidades desses alunos: aulas em vídeo, áudio e qual era a preferência das redes sociais de vídeos do grupo. Usamos alguns resultados dessa pesquisa na justificativa desse trabalho. A seguir, analisamos



resultados objetivos (análise das apostilas físicas) e subjetivos (engajamento da turma). As turmas envolvidas nessa investigação são aquelas em que a pesquisadora já atua, a saber as turmas do 9º ano, 8º ano, 7º ano e 6º ano. Ambas as turmas fazem parte da Escola Municipal José Eulálio de Andrade.

Ressignificar o uso do TikTok

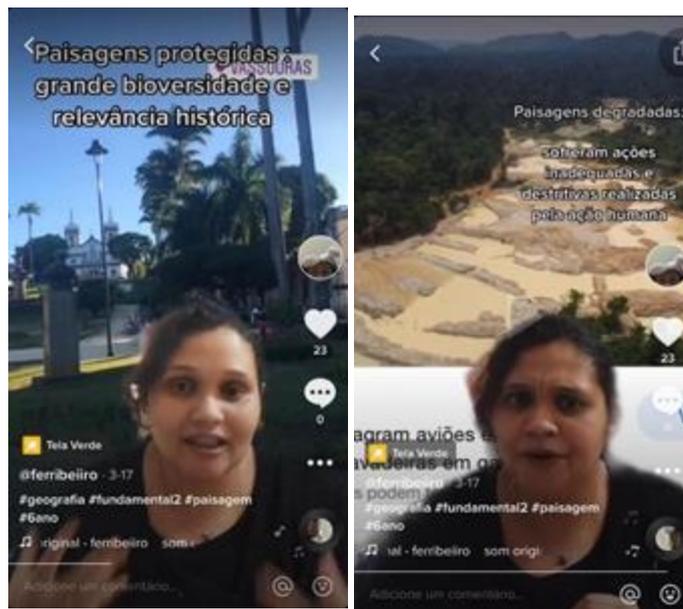
O aplicativo criado em 2019 pela empresa chinesa ByteDance é uma plataforma que permite gravar vídeos com duração de até 1 minuto. Sousa (2021) explica que o TikTok promove vídeos curtos, entre 15 e 60 segundos, permitindo que seus usuários os editem e adicionem filtros, efeitos, legendas, trilhas sonoras. Destaca-se que essa plataforma foi projetada para ter baixo consumo de dados e, por isso, é possível acessar em smartphones com configurações simples e que não recebem mais atualizações do seu sistema operacional, ou pelo navegador web. Algumas operadoras já disponibilizam o seu acesso sem prejuízo aos dados do pacote contratado, o que gera grande adesão por parte de pessoas com baixo poder aquisitivo. Apesar das controvérsias a respeito de apropriação inadequadas de dados, o aplicativo tornou-se muito popular entre os adolescentes, que consomem e produzem vídeos de dublagem e coreografias.

Sabemos que a gravação, a edição e o *upload* de vídeo exigem um conhecimento prévio do usuário, o que torna a produção de conteúdo não tão acessível para quem não possui tais habilidades. No TikTok, entretanto, a gravação e a edição de vídeo são facilitadas. A interface do aplicativo permite, ao usuário, construir de forma intuitiva os seus vídeos com uso de imagem, efeitos e sons (já disponíveis para seleção rápida). Há a opção de poder fazer *download* do vídeo criado, para usar nas demais plataformas de mensagens instantâneas e redes sociais.

Os vídeos em 1 minuto permitem uma dinamização ao se lecionar um conteúdo. Eles podem ser usados no ensino de geografia com uma introdução, ou para aprimorar conceitos, como palavras-chaves ou ainda para exemplificar fenômenos. Por exemplo: em uma aula sobre paisagem geográfica (figura 1), uma das ferramentas necessárias para explicar esse conteúdo é o uso de imagens. O TikTok permite a criação de vídeo com a exposição de imagem e texto, ajudando a compreensão do conceito.



Figura 1 – Recorte do vídeo paisagens protegidas



Fonte: a autora (2021)

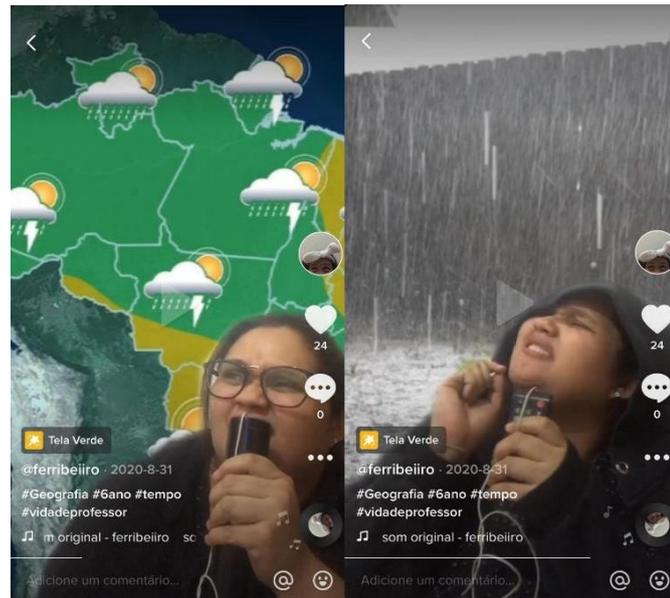
O grande fluxo de informações no conteúdo de geografia nas séries do ensino fundamental Anos finais, sem planejamento e busca por metodologia, pode tornar a geografia, como crítica Lacoste (1988) uma “disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, ‘em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória’” (p. 18). As apostilas disponibilizadas para o ensino não presencial refletem essa afirmação. Um pedaço de papel sem vida, com grandes quantidades de texto, baixa qualidade das imagens e mapas estáticos para uma geração que não está acostumada a estudar sozinha.

Por estar em um espaço informal, a rede social possibilita o uso da linguagem dialogada cotidiana ou a usada pelos *Youtubers*, além da criação de narrativas para apresentação desse conteúdo, promovendo uma aproximação com os adolescentes. Uma apresentação sobre o continente europeu pode conter além do conceito formal, citações sobre a derrota do Brasil para Alemanha na copa 2014 e a informalidade de referir-se à Rainha Elizabeth II como Tia Betinha. Cavalcanti (2019) sinaliza que o uso dessas linguagens alternativas com vídeos, jogos e a internet estão cada vez mais presentes no ensino de geografia, podendo potencializar a aprendizagem dos alunos (p. 53). A facilidade na produção de vídeos nos permite usar a criatividade para criar situações cotidianas para explicar conceitos geográficos, como a definição de tempo (clima) parecido com a previsão do tempo de um jornal da televisão (figura 2) ou representar os tipos de migrações



reconstruindo cada conceito.

Figura 2 – Recorte da aula Clima



Fonte: a autora (2021)

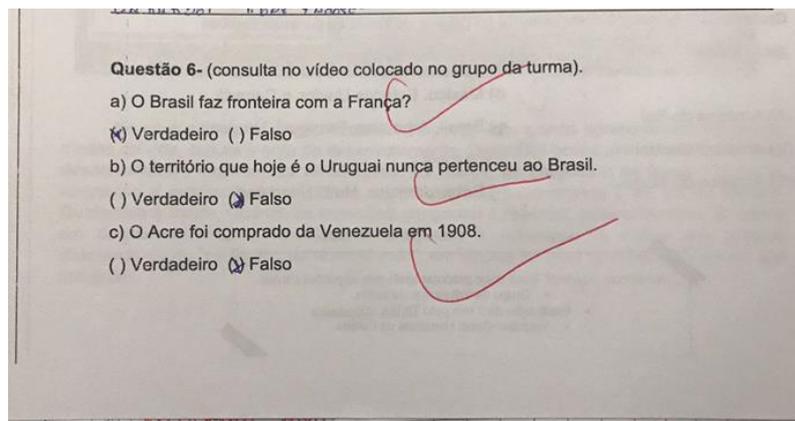
Assim, é um atrativo trabalhar a paisagem geográfica com imagens que pertencem ao lugar do aluno, fazendo a integração conteúdo escolar com o meio vivido.

Considerações finais

A primeira fase dessa investigação está parcialmente finalizada, no mês de julho de 2021. Elaboramos 20 vídeos com conceitos geográficos, assuntos variados e curiosidades geográficas e transformamos a conta do Tiktok em profissional, para ter acesso as estatísticas. O primeiro resultado positivo foi engajamento dos alunos no perfil, adicionando e visualizando dos vídeos. A rapidez da adesão dos perfis dos alunos da escola, foi muito significativa, o perfil tem 262 seguidores sendo que 156 seguidores são de alunos da escola usada para pesquisa. Os comentários positivos durante as aulas online e dos responsáveis ajudaram a impulsionar o projeto.

Percebemos o reflexo dessa iniciativa também no retorno das apostilas. No ano de 2020, 50 % das apostilas de geografia que retornavam para a escola estavam totalmente em branco, e nos três primeiros meses do ano letivo de 2021, as apostilas que retornam não apresentavam mais atividades por fazer ou totalmente em branco. As questões relacionadas com os vídeos do Tiktok (figura3), 85% das apostilas retornam respondidas:

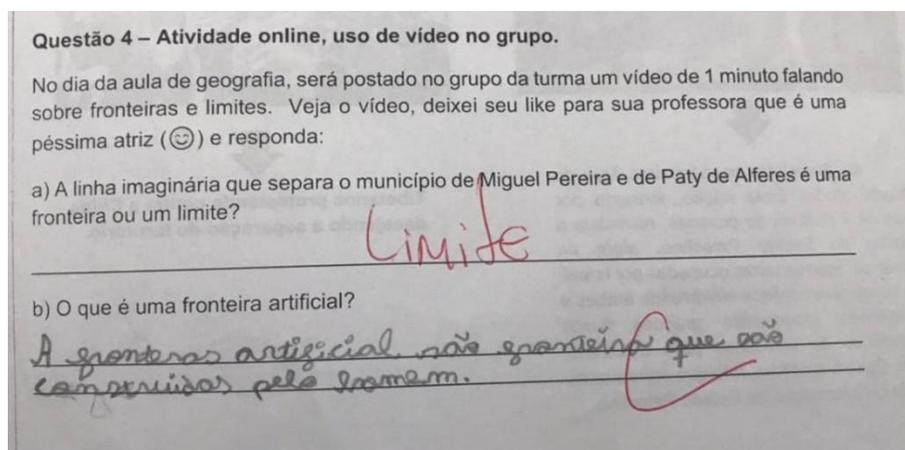
Figura 3 - Apostila de um aluno do 8º ano



Fonte: a autora (2021)

É importante frisarmos que esses vídeos são usados como introdução para um conteúdo ou para explicação para um conceito específico. É impossível lecionar um conteúdo completo em um vídeo de 60 minutos com qualidade e responsabilidade e sem perder o objetivo da educação geográfica. Como podemos perceber na figura 4, algumas questões ainda retornam incompletas ou em branco:

Figura 4 - Apostila de um aluno do 8º ano



Fonte: a autora (2021)

Apesar de ser uma plataforma popular entre os adolescentes, os vídeos ainda não alcançam todos alunos no ensino não presencial, o principal questionamento é quando não os vídeos não são disponibilizados no grupo da turma no aplicativo de mensagem instantânea. Alguns responsáveis não autorizam o uso do aplicativo pelos filhos, como toda rede social, o aplicativo tem alguns problemas na configuração dos algoritmos, que infelizmente acaba mostrando alguns vídeos



inadequados para faixa etária.

A principal solicitação dos alunos e responsáveis que esses vídeos fiquem disponíveis no grupo da turma, para facilitar o acesso e evitar os problemas de algoritmo da plataforma, como vídeos inapropriados para menores.

No início, o principal objetivo dos vídeos era ajudar os alunos a compreender e dinamizar os assuntos abordados na apostila e o modo cômico e informal, é uma tentativa de minimizar esse período sombrio que estamos vivendo. O espaço que está localizado a unidade escolar, sofreu os impactos diretos da segunda onda da pandemia e muitos alunos perderam familiares próximos e amigos. Ser professor na pandemia é trabalhar para diminuir a defasagem de aprendizagem com a falta do ensino presencial, ferramentas e acesso precário a internet. É também buscar formas de amenizar esse período que vivemos em um luto constante.

A ressignificação das redes sociais levanta potencialidades e ferramentas que permitem dialogar diretamente com o ensino-aprendizagem de geografia e com a geração dos alunos presente na escola. Contudo, essas novas ferramentas devem ser usadas com planejamento e objetivos concretos, para perder a essência do ensino de geografia na escola: ampliar a visão de mundo e a formação de um sujeito crítico. Sem planejamento, torna-se uma reprodução do ensino tradicional no ambiente virtual.

Referências bibliográficas

CASTELLAR, Sônia e VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância**. Goiana: C&A Alfa Comunicação, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 60ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LACOSTE, Yves. **A geografia** – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra. Tradução Maria Cecília França. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

SCHUCK, Rogério José; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; SANTANA, Eláine Lima. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental. **Ensino Em Re-Vista**. V. 27, n.3, p.1131-1154. Uberlândia, MG: set./dez./2020.

SOUZA, Fernando. O que é o TikTok? Tudo sobre a rede social do momento. **Tecmundo**. Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/210432-o-que-e-tiktok-tudo-rede-social-momento.html>>. Acesso em: 20/04/2021.